

**Variação Interlingüística no Tronco Macro-Jê:
O Kaingáng e o Parkatêjê**

(Interlinguistic Variation in Macro-Je Stock: Kaingáng and Parkatêjê)

Gean Nunes DAMULAKIS*

MUSEU NACIONAL (MN)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

RESUMO

Em Damulakis (2005), atestamos no Kaingáng duas restrições da família OCP. Uma impede seqüência de segmentos consonantais adjacentes idênticos em valor de traço [contínuo], eliminando a complexidade em *onsels* cujos segmentos tenham o mesmo valor para esse traço; a outra impede adjacência de segmentos que tenham em comum os traços [coronal] e [+anterior]. Comparamos os dados obtidos no Kaingáng com os do Parkatêjê, tentando revelar, assim, características da variação interlingüística. Verificamos, por exemplo, se os mesmos traços fonológicos são relevantes na arquitetura da sílaba. Destarte, buscamos semelhanças ou graus de afastamento em termos fonotáticos entre línguas geneticamente aparentadas.

PALAVRAS-CHAVE

Fonologia. Macro-Jê. Kaingáng. Parkatêjê. Otimalidade.

* Sobre o autor ver página 184.

ABSTRACT

I attested in Kaingang two constraints of the OCP family. One of them forbids clusters whose segments are identical as for the feature [continuous], eliminating the complexity in onsets whose elements have the same value for that feature; the other one avoids the sequence of two segments with both features [coronal] and [+anterior]. Data from Kaingang are compared with those from Parkatêjê, in order to investigate if the same phonological features are relevant to syllable structure and how the linguistic variation works across languages. Therefore, we (o autor no resumo em português usou a terceira pessoa) try to attest similarities and levels of difference concerning phonotactics between related languages.

KEYWORDS

Phonology. Kaingáng. Parkatêjê. Optimality. OCP.

Introdução

Conseguir determinar as causas e características da variação constitui grande preocupação das teorias lingüísticas atualmente. Nesse contexto, torna-se muito relevante a análise comparativa de línguas, tanto aparentadas quanto geneticamente distantes. Neste trabalho, apresentamos um primeiro esforço no sentido de um estudo comparativo mais amplo entre duas línguas da mesma família: o Kaingáng e o Parkatêjê. Aqui nos interessa basicamente o componente fonológico. Amparamos nossa análise no instrumental teórico da Teoria da Otimalidade (OT, de Optimality Theory). Para a OT, toda língua natural é o resultado do conflito entre restrições universais, sendo que as línguas se diferenciam entre si pela forma particular como hierarquizam essas restrições que, para a OT, são violáveis. Uma determinada restrição pode desempenhar um papel mais importante em uma língua do que em outra, fato dependente da posição dessa restrição em uma dada escala hierárquica. Uma vez hierarquizadas essas restrições em uma língua, para um determinado *input*, é gerada uma série de candidatos que serão avaliados em paralelo. O candidato vitorioso, ou ótimo, será a forma que menos comete violações ou que as comete de forma não fatal, já que quanto mais alta a posição hierárquica da restrição violada, pior será a violação. Esse candidato ótimo é o que se realiza na língua.

Em trabalho anterior, foi-nos possível atestar que, no Kaingáng, atuam duas restrições da família do OCP¹. Uma delas impede seqüência de segmentos consonantais adjacentes idênticos em valor quanto ao traço [contínuo], eliminando a possibilidade de *onsets* (ou ataques) complexos cujos segmentos tenham o mesmo valor para o traço [contínuo]; a outra impede que dois segmentos adjacentes tenham em comum os traços [coronal] e [+ anterior] (Cf. DAMULAKIS, 2005).

Comparamos os dados obtidos no Kaingáng com os do Parkatêjê, tentando revelar como a variação ocorre no nível interlingüístico. Verificamos, mais especificamente, se os mesmos traços fonológicos são relevantes na arquitetura da sílaba em ambas as línguas. Assim, tentamos atestar semelhanças ou graus de afastamento em termos fonotáticos entre as duas línguas, que são geneticamente aparentadas.

Algumas notas sobre o Kaingáng

O povo Kaingáng, segundo D'Angelis (2005), possui uma população de aproximadamente 30 mil pessoas, distribuídas em mais de 30 terras indígenas, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A língua Kaingáng, que integra o tronco Macro-Jê, é falada, conforme estimativa de D'Angelis (2005), por apenas 50% ou 60% dessa população.

Sobre a fonologia da língua existem alguns trabalhos, dentre os quais citamos: Kindell (1972), Wiesemann (1972), Cavalcante (1987), Wetzels (1995) e D'Angelis (1998) e D'Angelis (2005). O primeiro é uma análise fonêmica do Kaingáng, publicado como o último capítulo da tese de Wiesemann. O segundo é uma tese, publicada em alemão e ainda sem tradução para o português, na qual a autora faz uma análise tagmêmica² do Kaingáng. O terceiro trabalho citado é uma tese de doutorado que, com relação à fonologia do Kaingáng, defende a idéia de que cada segmento

¹ OCP é a sigla em inglês para Princípio do Contorno Obrigatório (Obligatory Contour Principle). Trata-se de um princípio que, observado originalmente para as línguas tonais, proíbe a adjacência de elementos idênticos na mesma camada. Suas aplicações para o nível segmental têm sido cada vez mais observadas.

² A análise tagmêmica, vinculada ao estruturalismo estadunidense, tem como principal objetivo descrever os tagmemas de uma língua. O tagmemma é a “unidade correlativa composta de uma função sintática e o correspondente paradigma de substituição nessa função” (Cf. WIESEMANN, 1972, p.15).

deveria ser especificado por três valores para o traço [α nasal], quais sejam [+++], [+ - +] e [- - -]. O quarto é um artigo que tenta dar conta de um fenômeno, típico do Kaingáng, bastante conhecido: a ocorrência de segmentos nasais pré-, pós- e circum-oralizados. O quinto, uma tese de doutorado, fala sobre a geometria dos traços e sobre a elaboração de uma geometria que dê conta das nasais do Kaingáng. No último trabalho citado, o autor faz uma comparação entre os dialetos Kaingáng do Sul e o de São Paulo.

Segundo Wieseemann (1972), o Kaingáng dispõe de 14 vogais fonológicas, das quais 10 orais e 4 nasais. O sistema fonológico consonantal dessa língua (dialetos do Sul, em oposição ao dialeto paulista), como visto em D'Angelis (2005), é o seguinte:

Quadro 1 - Inventário consonantal do Kaingáng (D'ANGELIS, 2005).

	[-cont]				[+cont]		
[-soante]	p	t	k	ʔ	f	ʃ	h
[+soante]	m	n	ɲ	ŋ	r	j	w

Conforme visto no quadro acima, as consoantes fonológicas no Kaingáng podem ser agrupadas em relação a dois eixos binários: um eixo em que opera o traço [+/-contínuo] e outro em que atua o traço [+/-soante]. A distribuição desses segmentos obedece a algumas restrições fonotáticas. As restrições de marcação que limitam a estrutura silábica do Kaingáng, como visto em Damulakis (2005) e (2006) são:

- (1) ***CODA**: codas (ou declives) estão proibidas.
- (2) ***CODA[-nasal]**: codas (ou declives) com segmento inteiramente [-nasal] estão proibidas.
- (3) ***CODA [-soante]**: codas (ou declives) com segmento inteiramente [-soante] estão proibidas.
- (4) **ONSET**: toda sílaba deve ter onset (ataque).
- (5) **OCF [α contínuo]**: estão proibidas seqüências de segmentos com o mesmo valor para o traço contínuo.

- (6) **OCP [coronal]**³: não é permitida seqüência de dois segmentos (isto é, de duas raízes) consonantais coronais.
 (7) ***COMPLEX^{CODA}**: codas (declives) devem ser simples.
 (8) ***COMPLEX^{ONSET}**: onsets (ataques) devem ser simples.

As restrições acima são restrições de marcação, ou seja, aquelas que têm fundamento articulatório e perceptual e que são capazes de limitar as possibilidades de combinação entre os elementos fonológicos da língua. Em contrapartida, há também as restrições de fidelidade, que são aquelas que, destinadas a preservar contrastes lexicais, determinam, por esse motivo, que o *output* deve ser maximamente coincidente com o *input* lexical. Elencamos as restrições de fidelidade relevantes para a estruturação silábica:

- (9) **MAX-IO**: os segmentos do *input* (I) devem estar maximamente contidos no *output* (O) (o apagamento está proibido).
 (10) **DEP-IO**: os segmentos no *output* (O) devem ter correspondentes no *input* (I) (a inserção está proibida).

Em 11, é apresentada a escala hierárquica, como proposta em Damulakis (2005) para o Kaingáng, nela incluídas tanto as restrições de fidelidade quanto as de marcação:

- (11) **MAX-IO >> ONSET, *COMPLEX^{CODA} >> *CODA[-nasal] >> OCP [α contínuo] >> OCP [coronal] >> *COMPLEX^{ONSET} >> DEP-IO.**

Tendo em vista a escala hierárquica proposta, podemos dizer que ONSET e *COMPLEX^{CODA} dominam as demais restrições. Uma vez que não há razões para que estejam crucialmente hierarquizadas, essas restrições se encontram na mesma posição na escala. A presença da vírgula entre elas mostra graficamente essa condição. A restrição *CODA [-nasal] domina *COMPLEX^{ONSET}, uma vez que são mais freqüentes sílabas com *onset* complexo do que sílabas com coda em Kaingáng, devido à maior limitação do número de fonemas que podem ocupar a posição de coda. Ressalteamos que há exclusão dos segmentos [+contínuos] da posição da primeira consoante do *onset* complexo. Isso significa que estão proibidas, no Kaingáng,

³ Lembremos que, no sistema de traços de Clements e Hume (1995), o traço [+/-anterior] é dominado pelo traço monovalorado [coronal].

seqüências como */fr/, */ʃr/, */hr/, ou seja, as fricativas não podem figurar como primeiro segmento de um *onset* complexo. Se considerarmos que o /r/ é [+contínuo], chegaremos à conclusão de que seqüências como essas são barradas pela restrição OCP [α contínuo], que também impede, conseqüentemente, a ocorrência, na mesma sílaba, de seqüências como */pt/, */kt/, */pk/, */tp/, */mn/ etc. Diante disso, podemos predizer, por exemplo, que uma seqüência como *kóp.kóp.ke* ‘relâmpago’ (D’ANGELIS, 2004) terá a seguinte silabação: *kóp.kóp.ke*.

Dentre os segmentos [-contínuos], os segmentos coronais também não podem ocupar essa posição, ou seja, estão proibidas na língua, por exemplo, as seqüências */ɲr/, */nr/ e */tr/. A proibição, nesse caso, não se refere à nasal seguida de tepe, uma vez que há, no Kaingáng, seqüências como /mro/ ‘boiar’ ou /reŋre/ ‘dois’⁴. Uma restrição de caráter mais específico deve sempre estar hierarquicamente acima de uma que seja abrangente. Disso decorre que a restrição OCP [coronal] deve estar acima de *COMPLEX^{ONSET}, uma vez que OCP [coronal] restringe os elementos que podem figurar no *onset* complexo, e *COMPLEX^{ONSET} proíbe essa complexidade independentemente da natureza dos elementos envolvidos. OCP [coronal] não atua na formação de coda silábica, já que a restrição que limita os elementos da coda está hierarquicamente mais alta. Os segmentos em coda podem ser [+soantes] ou [+nasais], mais restritivamente. Essa posição parece ser ponto de variação intralingüística no Kaingáng. A escala hierárquica em (11) reflete, portanto, apenas a variante que apresenta somente nasais em posição de coda.

Ressalte-se que ambas as restrições da família de OCP atuam dentro da sílaba, ou seja, restringem elementos tautossilábicos. Considerando apenas duas restrições de fidelidade, vale, para o Kaingáng, a seguinte relação de dominação: MAX-IO >> DEP-IO, uma vez que costuma ocorrer inserção, mas não ocorre apagamento. É possível verificar na língua alguns exemplos de epêntese, como em /fūr/ → [fūrɯ] ‘lado’, /kūw/ → [kūwɯ] ‘parte’, conforme afirma Wetzels (1995), que se baseia em Wiesemann (1972).

⁴ Ressaltamos que, nesse contexto, as nasais se realizam com contornos orais: [mbro] para /mro/ e [reŋŋre] para /reŋre/.

Algumas notas sobre o Parkatêjê

Segundo Soares e Araújo (2002), o povo parkatêjê vive no sudeste do Estado do Pará, na Terra Indígena Mãe Maria (Município de Bom Jesus do Tocantins). Os Parkatêjê constituem um povo que se dividiu no século XIX e voltou a se reunir na segunda metade do século XX, vivendo há pouco de mais de quarenta anos na atual Terra Indígena. O povo Parkatêjê, tendo começado a separação em 2001, hoje está dividido em duas aldeias, uma no Km 30, outra no Km 25. A língua Parkatêjê, dialeto do Timbira (família Jê), embora ainda seja falada na comunidade, está ameaçada pela adoção predominante da língua portuguesa por parte das novas gerações (Cf. SOARES e ARAÚJO, 2002).

Segundo Araújo (1989), o sistema fonológico do Parkatêjê apresenta um predomínio de vogais sobre consoantes, fato comum entre as línguas Jê⁵. São dezesseis vogais e apenas onze consoantes. Não há na língua oposição de sonoridade: as obstruintes são todas surdas. Apenas as sonorantes são sonoras. Vejamos o quadro fonológico consonantal do Parkatêjê:

Quadro 2 - Inventário consonantal do Parkatêjê.

	[-cont]	[+cont]
[-soante]	p t k ? tʃ	h
[+soante]	m n	r j w

Conforme afirma Araújo (1989), a epêntese é comum no Parkatêjê, uma vez que um glide vocálico harmônico à vogal precedente segue toda consoante final. A autora não exemplifica, entretanto, como se processa essa epêntese. A partir daí, é possível pensar em duas hipóteses:

- (a) o *glide* ocuparia a posição de *coda*, tornando essa *coda* complexa; nesse caso, a proibição de *coda* complexa (*COMPLEX^{CODA}) seria violada. Imaginemos uma seqüência, hipotética, /pit/, com a epêntese

⁵ Davis (1966) apud Araújo (1989).

de *glide* harmônico à vogal precedente, teríamos [pitj], que violaria a proibição de complexidade em *coda* (ou declive); ou (b) o *glide* seria passível de interpretação como articulação secundária ([pitj]); nesse caso, a *coda* não seria complexa e a proibição de *coda* complexa continuaria desempenhando papel muito importante.

Ainda sobre *coda*, podemos afirmar que, com exceção das glotais e da africada, nessa posição da sílaba, podem figurar todos os demais segmentos da língua, como: /r/, /m/, /n/, /t/, /k/. Como exemplos temos, respectivamente, /ror/ ‘cupim do chão’, /prãm'ti/ ‘mosquito’, /man/ ‘vamos!’, /ijapak/ ‘orelha’, entre outros. A única complexidade em *coda*, indicada como tal pela autora, foi o item /prẽmp/ ‘flor de palmeira’, que ocorre em final de palavra (Cf. ARAÚJO, 1989, p 26).

Em Parkatêjê, as nasais não sofrem assimilação, ou seja, não se tornam nasais homorgânicas às oclusivas adjacentes, razão pela qual Araújo (1989) descarta a possibilidade de interpretar esses segmentos como uma fase nasal de segmentos pré-nasalizados, fato característico do Kaingáng.

Nessa situação, observamos a possibilidade de que a nasal seja silábica, uma vez que em um item como “nkrire” ‘grande’, no qual a nasal fosse interpretada como sendo parte do *onset* complexo, teríamos de admitir um padrão CCCV. Esse padrão não foi indicado em Araújo (1989), embora ela registre dados como esse. No apêndice “Vocabulário”, parte integrante do mesmo trabalho, encontram-se mais duas palavras (ortograficamente representadas) com a mesma estrutura: “nkre” ‘cantar’ e “nkrà” ‘secar’. Considerar a nasal, nesse contexto, como integrante do *onset* vai de encontro à escala de sonoridade, que é proposta universalmente. Lembremos que, levando em consideração essa escala, uma sílaba bem-formada é aquela cujo elemento de maior sonoridade se encontra no núcleo e cujos demais elementos decrescem em sonoridade a cada posição em direção às margens. Para o Parkatêjê, poderíamos traçar a seguinte escala de sonoridade: obstruintes descontínuas < nasais < aproximantes < vogais. Desses segmentos, em um extremo, estão as obstruintes, as menos sonoras, e, no outro extremo, as vogais, segmentos com maior sonoridade. Enunciamos, abaixo, essa restrição:

(12) SONORIDADE (SON): os elementos da sílaba devem crescer, em sonoridade, em direção ao núcleo e decrescer em direção às margens.

A restrição acima não estava presente em Damulakis (2005), mas podemos considerá-la atuante para análise do Kaingáng, uma vez que, nessa língua, não encontramos violações à restrição de sonoridade. No Parkatêjê, uma vez que a nasal pode ser silábica, ou seja, núcleo de sílaba, ela não estaria propensa a sofrer assimilação. Lembremos que, segundo Myers (1997), a assimilação é processo não-marcado entre as nasais, sobretudo as que estão em *coda*. Outra possibilidade seria considerar a nasal que precede a oclusiva em início de palavra como sendo extra-silábica fonologicamente. Nesse caso, ela poderia se tornar silábica ou se tornar coda, caso a sílaba antecedente estivesse com essa posição disponível. Essa suposição necessitaria, entretanto, de maiores comprovações empíricas, como análise de ressilabificação em caso de juntura vocabular.

Algumas restrições do Parkatêjê

Uma restrição que atua nos padrões fonotáticos do Parkatêjê é OCP [coronal], que, tal como no Kaingáng, atua em termos tautossilábicos. Uma vez que não há *onset* complexo do tipo ‘tr’, imaginamos, então, que haja uma restrição fonotática que proíbe essa seqüência, ou seja, uma seqüência de dois segmentos [coronais] adjacentes. Sugerimos que essa restrição seja a mesma que atua no Kaingáng, a saber: OCP [coronal]. Da mesma forma que no Kaingáng, no Parkatêjê, também é proibida uma seqüência do tipo */nr/. Notemos que: (a) essa seqüência não estaria sendo barrada pela restrição da escala de sonoridade, como enunciada em (12), já que /n/ é menos sonoro que /r/; e (b) a proibição não é para a existência de consoante nasal como primeiro elemento de um grupo consonantal, uma vez que há itens na língua como *mra* ‘chorar’. Vale ressaltar também que a proibição não afeta a ocorrência de itens nos quais o segmento /n/ seja o primeiro elemento de um suposto *onset* complexo, como nos mostrariam palavras como “nkôti” /nkoti/ ‘gongo’ (ARAÚJO, 1989), pois o segmento /k/ não é [coronal], e sim [dorsal]. Além disso, como já dissemos, essa nasal não faz parte da mesma sílaba em que a dorsal se encontra. Também o item “inxum” /in.tʃum/ ‘meu pai’, segundo o que nos foi informado por Araújo, em comunicação pessoal, apresenta a seqüência /ntʃ/, a qual poderia constituir uma violação a OCP [coronal]. No entanto, a seqüência /ntʃ/, a nosso ver, não é tautossilábica.

Em comunicação pessoal, Araújo também nos forneceu o item “ntia” ‘mulher’, e há, em Araújo (1989), o item “ntoj” ‘correr’, que poderia constituir violação tanto à SONORIDADE quanto ao OCP [coronal]. Ao considerarmos, nesses exemplos, a consoante nasal como silábica, /n.tia/ e /n.toj/ não violariam OCP [coronal] nem SONORIDADE. Esses itens não violam OCP, pelo fato de que essa restrição atua na sílaba e, como já dito anteriormente, por termos assumido a nasal nesse contexto como sendo silábica, ou seja, núcleo de sua própria sílaba. O mesmo vale para o item “nkôti” /nkoti/ ‘gongo’.

Com relação ao *onset* complexo, é possível dizer que, no Parkatêjê, podem figurar como segundo elemento de um *onset* complexo apenas os *glides* e a vibrante. Logo, os outros segmentos consonantais só podem ocupar a primeira posição. Os quadros a seguir mostram as possibilidades lógicas e as atestadas na língua⁶. Segundo a análise de Araújo (1989), as nasais podem ocupar uma posição de primeira consoante de um grupo tautossilábico consonantal.

Quadro 3 - Grupos consonantais atestados no Parkatêjê.

	r	j	w
p	pro ‘pegar com unha’	ipjên ‘meu marido’	---
t	---	---	twyn [twîn] ‘búzio’
tʃ	---	---	ixwa [itʃwa] ‘meu dente’
k	kra ‘orifício’	ikjê ‘minha coxa’	ijarkwa ‘minha boca’
m	mra ‘chorar’	---	---
n	---	---	---

Quadro 4 - Grupos consonantais não atestados no Parkatêjê.

	r	j	w
p	---	---	*pwV
t	*trV	*tjV	---
tʃ	*tʃrV	*tʃjV	---
k	---	---	---
m	---	*mjV	*mwV
n	*nrV	*njV	---

⁶ As consoantes glotais têm uso bastante limitado no Parkatêjê. Por esse motivo, não constam da tabela.

As seqüências */tr/, */tʃr/ e */nr/ são vetadas por OCP [coronal]. O mesmo seria válido para as seqüências */tj/, */tʃj/ e */nj/. Os efeitos dissimilatórios de OCP para ponto parecem ser bastante fortes no Parkatêjê, uma vez que também está proibida a seqüência de segmentos adjacentes que tenham em comum o traço [labial], como nos mostra a inexistência de */pw/ e */mw/. Assim sendo, faz-se necessário que consideremos OCP [labial] como restrição ativa no Parkatêjê. Retomamos a seguir OCP [coronal] e enunciamos OCP [labial]:

- (13) **OCP [coronal]**: não é permitida seqüência de dois segmentos (isto é, de duas raízes) consonantais coronais.
- (14) **OCP [labial]**: não é permitida seqüência de dois segmentos (isto é, de duas raízes) consonantais labiais.

Não foram registrados apagamentos no Parkatêjê nem no nível segmental nem no nível do traço. Por esse motivo, a restrição de fidelidade MAX-IO, que milita contra apagamento, tem posição alta na escala hierárquica. A restrição que recomenda *onset* para toda sílaba deve estar altamente hierarquizada para essa língua, pois são poucas as palavras que apresentam sílabas sem *onset*. A necessidade de *onset* favorece a epêntese, como é possível verificar quando se ouvem alguns Parkatêjê falar português, pois os mais velhos pronunciam com uma aspiração inicial palavras como “irmão” [hir'mãw] (ARAÚJO, 2006). A oclusão glotal, já que é muito rara, pode ser um outro tipo de *onset default* para sílabas desprovidas de tal constituinte, conforme distribuição com a aspiração. Um exemplo de ocorrência dessa oclusão, indicada por Araújo (1989), é *ãhãre* [ãʔãre], galinha. Registrada a exceção para as glotais, os demais segmentos podem ocupar a posição de *coda*. Isso significa que a restrição de marcação que proíbe sílaba com *coda* está fracamente hierarquizada. De maneira inversa, a restrição que proíbe complexidade em *coda* deve estar altamente hierarquizada, pois, apesar de ser freqüente sílaba com *coda*, complexidade em *coda* é bastante rara. Já aquela que proíbe a complexidade em *onset* está baixa na escala hierárquica, uma vez que a complexidade nessa posição é razoavelmente freqüente. Essa complexidade é limitada por OCP [coronal].

Após as considerações acima acerca das características fonotáticas do Parkatêjê, sugerimos a seguinte escala hierárquica para o Parkatêjê:

- (15) SON >> MAX-IO >> ONSET >> OCP [coronal], OCP [labial]
>> *COMPLEXCODA >> *COMPLEXONSET >> DEP-IO, *CODA

Similaridades, diferenças e variação

Com relação ao vozeamento, pode-se dizer que ambas as línguas se assemelham, uma vez que só serão sonoras as soantes. Em outras palavras, não há oposição de vozeamento na série de obstruintes, sendo vozeados apenas os segmentos que sofrem vozeamento espontâneo.

Com relação às restrições que atuam em ambas as línguas, podemos dizer que o Parkatêjê e o Kaingáng não diferem muito no que diz respeito às restrições de fidelidade, uma vez que as duas primeiras posições na escala hierárquica de cada língua são ocupadas pelas mesmas restrições, ou seja, SON e MAX-IO. O mesmo é válido para a restrição DEP-IO, pois essa ocupa a posição mais baixa na hierarquia em ambas as línguas.

O quadro geral é um pouco diferente quando analisamos as restrições de marcação. Da mesma forma que no Kaingáng, no Parkatêjê, também é proibida uma seqüência do tipo */nr/. Isso significa que OCP [α coronal] atua em ambas as línguas. Outra restrição de marcação que atua nas línguas é OCP [α contínuo]. Essas restrições não estão, entretanto, na mesma posição na escala hierárquica nas duas línguas.

Consideradas a arquitetura da sílaba e as características fonotáticas vinculadas a essa arquitetura, é possível esquematizar as similaridades e diferenças fonológicas observadas entre as duas línguas em análise. Destacadas em negrito as similaridades entre as duas línguas, obtém-se o que é visto em (16): as restrições relativas à marcação de sonoridade (**SON**) e à obrigatoriedade de ataque (**ONSET**) e aquelas referentes à fidelidade (**MAX-IO** e **DEP-IO**) estão no mesmo patamar hierárquico em ambas as línguas - o que evidencia um máximo respeito à escala de sonoridade na construção da sílaba, à proibição de apagamentos de segmentos presentes na representação subjacente (ou seja, no *input*) e uma relativa permissividade no tocante à inserção de segmentos nas formas *output* (isto é, segmentos esses ausentes do *input*), sobretudo no que diz respeito à necessidade de onset, característica também compartilhada por ambas as línguas.

(16) Similaridades

a) Kaingáng

SON >> MAX-IO >> ONSET, *COMPLEX^{CODA} >> *CODA[-nas] >>
 OCP [α cont] >> OCP [cor] >> *COMPLEX^{ONSET} >> **DEP-IO**

b) Parkatêjê

SON >> MAX-IO >> ONSET >> OCP [α cont] >> OCP [cor], OCP[lab] >>
 *COMPLEX^{CODA} >> *COMPLEX^{ONSET} >> **DEP-IO**, *CODA

E se focalizarmos apenas as diferenças, encontraremos o resultado mostrado em (17): a) uma gramática em que as exigências sobre a coda silábica são maiores (Kaingáng) do que em outra (Parkatêjê); b) uma gramática em que a proibição de complexidade em *onset* encontra-se aumentada em um grau (Parkatêjê) em relação a outra gramática (Kaingáng); c) uma gramática (a do Parkatêjê) em que é maior o papel das restrições relativas à parte perceptual, também importantes na outra gramática (a do Kaingáng). Com relação a esse último ponto, vale ressaltar que as restrições relativas à percepção - as restrições pertencentes à família OCP - merecem investigação mais apurada nas duas línguas. No Parkatêjê, por exemplo, essa restrição vai além do traço [coronal], abarcando também o traço [labial]. Já no Kaingáng, é possível que restrições dessa família sejam responsáveis por realizações pré-, pós- e circum-oralizadas de consoantes nasais subjacentes.

(17) Diferenças

a) Kaingáng

*COMPLEX^{CODA} >> *CODA[-nasal] >> OCP [α contínuo] >> OCP
 [coronal] >> *COMPLEX^{ONSET}.

b) Parkatêjê

OCP [α contínuo] >> OCP [coronal], OCP[labial] >> *COMPLEX^{CODA} >>
 *COMPLEX^{ONSET} >> *CODA

Conclusão

Através da comparação de línguas aparentadas, do tronco Macro-Jê, família Jê, pudemos verificar que existem restrições fonotáticas que atuam com destaque semelhante em ambas as línguas. Isso significa que essas línguas apresentam escalas hierárquicas com certa similaridade. Mesmo as diferenças, investigamo-las com relação às mesmas restrições. Isso significa que é muito provável que as línguas com 'vínculo genético' mantenham semelhança tal, que sejam as mesmas (ou variações das mesmas) as restrições que atuam nelas, ainda que hierarquicamente mais altas em uma que em outra.

Considerando que, para a OT, as línguas naturais fazem uso do mesmo inventário de restrições, ou seja, as restrições são universais, mas que são hierarquizadas de maneira particular, afirmamos que línguas aparentadas costumam ter restrições idênticas atuando relevantemente. A posição na hierarquia, entretanto, é determinada pela língua. Um exemplo que pode ser citado é a existência de restrições da família de OCP: OCP [coronal] e OCP [α contínuo]. Essas restrições, que têm efeitos dissimilatórios, atuam em ambas as línguas, mas em posições distintas em cada escala hierárquica. Entretanto, há no Parkatêjê, em relação ao Kaingáng, um aumento da atuação de OCP, que é estendida, na primeira, até o traço [labial].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. Reduplicação e ênfase no parkatêjê - um estudo de textos poéticos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ, 4, 2006. Recife. **Anais...** Recife, 2006.

ARAÚJO, L. **Aspectos da Língua Gavião-Jê**. 1989. 253f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

CAVALCANTE, M. P. **Fonologia e Morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná**. Tese (Doutorado em Linguística.) Instituto de Estudo da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). **The handbook of fonology**. Oxford: Blackwell, p. 245-306, 1995.

DAMULAKIS, G. N. A sílaba do Kaingáng em uma visão não derivacional. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ, 4, 2006. Recife. **Anais...** Recife, 2006.

DAMULAKIS, G. N. **Fenômenos Variáveis sob uma Óptica Formal**. 2005. 103f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

D'ANGELIS, W. R. Algumas notas comparativas sobre o dialeto Kaingang paulista. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ, 4, 2005. Recife. Ms. Recife, 2006.

D'ANGELIS, W. R. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. In: **Liames**. Línguas Indígenas Americanas, Campinas, v. 4, p. 71-82, 2004.

D'ANGELIS, W. R. **Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica**. 1998. 423f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudo da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

KINDELL, G. Kaingáng Phonemics. In: WIESEMANN, U. **Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. The Hague and Paris: Mouton, p.200-211, 1972.

MYERS, S. Expressing Phonetic Naturalness in Phonology. In: ROCA, I. (Ed.). **Derivations and Constraints in Phonology**. Oxford: Clarendon Press, p. 125-152, 1997.

SOARES, M. F.; ARAÚJO, L. Banco de dados e dicionários de línguas indígenas: um exercício da diferença. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). **Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, gramática e história**. Belém: Editora Universitária, [s.p], 2002.

WETZELS, W. L. Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng. In: WETZELS, W. L. (Org.). **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 265-296, 1995.

WIESEMANN, U. **Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. The Hague and Paris: Mouton, 1972.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.

SOBRE O AUTOR

Gean Nunes Damulakis é mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde realiza o Doutorado em Linguística. É estagiário do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas: Fonologia, Gramática e História* (CNPq/UFRJ); autor de capítulos de livros e artigos publicados em revistas e anais de evento.

Temas de pesquisa: português; fonologia; variação; línguas indígenas e alemão.

E-mail: damulakis@hotmail.com